



ATA Nº 4/2025

Aos 25 dias do mês de abril de 2024, pelas 11.00 horas, no Salão Nobre dos Paços do Município, reuniu, em sessão extraordinária, a Assembleia Municipal de Espinho, presidida pela Presidente da Assembleia Municipal, Joana Raquel da Silva Devezas e secretariada por Guilhermino Pedro de Sousa Pereira e por Rui Manuel Martins Fidalgo, com a seguinte ordem de trabalhos:

Ponto Único: Comemoração do 25 de Abril

Foi declarada aberta a sessão extraordinária, tendo sido dada a palavra aos representantes dos diversos grupos políticos com assento naquele órgão municipal.

Assim, foram proferidos os seguintes discursos:

Bruno Morais (BE): *"Bom dia a todas e a todos os presentes e a quem nos segue pelas plataformas digitais. Camaradas, amigas, amigos e espinhenses. Hoje, celebramos os 51 anos da Revolução de Abril que devolveu a voz ao povo português. Celebramos o dia em que os cravos tomaram o lugar das balas e a voz do povo calou a Ditadura. Celebramos a coragem e o início de uma promessa coletiva: A promessa de um país onde todos tivessem direito ao trabalho com dignidade, direito à saúde, direito à educação e o direito a uma casa. A promessa de que nunca mais nos calaríamos perante as injustiças e a opressão. Durante quase meio século, a ditadura silenciou socialistas, perseguiu sindicalistas, oprimiu os trabalhadores, censurou jornalistas e aprisionou todos aqueles que ousavam sonhar com um Portugal livre. Muitos ficaram calados pelo medo. Muitos baixaram a cabeça resignados à ditadura. Com a revolução do 25 de Abril, o silêncio foi quebrado e a dignidade foi recuperada. Sou um filho de Abril. Agradeço a todas aquelas e a todos aqueles que nos libertaram da ditadura e nos permitiram viver e crescer em democracia! Como escreveu Martin Niemöller, nas sombras do nazismo: "Primeiro vieram buscar os socialistas, e eu não disse nada - porque não era socialista. Depois vieram buscar os sindicalistas, e eu não disse nada - porque não era sindicalista. Em seguida, vieram buscar os judeus, e eu não disse nada - porque não era judeu. Por fim, vieram atrás de mim - e já não restava ninguém para protestar." Uma das lições, que o Abril nos deixou, foi a de que a indiferença é cúmplice da tirania! Quando calamos perante o racismo, a exploração laboral ou o ataque aos serviços públicos, estamos a trair os ideais da Revolução dos Cravos, que simbolizam a liberdade dos portugueses há 51 anos. O 25 de Abril não foi*

feito para ser lembrado apenas nestes dias comemorativos, ou em museus. O 25 de Abril é para ser vivido todos os dias, na luta contra as desigualdades, injustiças e pelos que mais precisam. Hoje, olhamos à nossa volta e perguntamos: estamos a honrar os valores de Abril? Quando vemos a habitação tornar-se um luxo para a classe média e as rendas das habitações absorverem mais de metade do salário de quem trabalha, sendo uma sentença de pobreza, estamos a defender Abril? Quando aceitamos o trabalho precário, contratos temporários sucessivos, horários desregulados e um salário mínimo que não permite viver com dignidade, estamos a defender Abril? Quando assistimos ao maior ataque ao Serviço Nacional de Saúde, tratando a saúde como um negócio, acessível apenas aos que podem pagar, proliferando o investimento no setor privado, estamos a defender Abril? Quando vemos o definhamento da Escola Pública, com a falta de Professores, Educadores e Assistentes Operacionais, escolas degradadas e alunos sem apoios educativos adequados, estamos a defender Abril? Quando permitimos que se ataque os imigrantes e que se ponham em causa os direitos das mulheres e da comunidade LGBTQIA+, estamos a defender Abril? Quando a democracia é posta em causa por quem quer voltar a dividir-nos entre "nós" e "eles", espalhando o medo e o ódio, estamos a defender Abril? Em Portugal, tem crescido o poder dos que querem silenciar os direitos elementares dos cidadãos e da nossa constituição. No Bloco de Esquerda, dizemos não e enfrentamos os silenciadores, porque, aprendemos com a História, ninguém deve ser deixado para trás. Defender o SNS, a escola pública, os salários dignos e o ambiente não é "ser radical", é ser fiel ao espírito de Abril. Em 2025 vivemos melhor do que nos anos 70 do século passado? Genericamente, podemos afirmar que sim, mas há muito quem sobreviva a sofrer e isso não é viver Abril! Em Espinho, sabemos que a habitação se tornou um direito, cada vez mais, inacessível. Jovens e famílias são empurrados para a periferia, porque os salários não acompanham os preços das casas. Precisamos de um verdadeiro programa de habitação pública, com controlo de rendas, preços justos e acessíveis, porque ter uma habitação não deve ser um luxo, é um direito. A crise ambiental também nos afeta. A erosão costeira, a poluição das ribeiras e das praias, a rede de distribuição de água (que tem perdas gigantescas) e o transporte público (desadequado às necessidades das pessoas) são problemas que exigem ação imediata. A Linha do Vouga continua à espera da requalificação prometida há décadas. É um exemplo cruel do centralismo e da negligência para com as pessoas. A mobilidade sustentável no distrito de Aveiro merece este investimento! A cultura e o desporto, um dos pilares da identidade



coletiva Espinhense, têm uma riqueza cultural única, mas anos a fio de negligência na manutenção dos edifícios deixaram os espaços culturais e desportivos, bem como outros edifícios públicos, degradados. Abril está nas nossas mãos, nas nossas lutas, na nossa recusa em aceitar que a liberdade seja só uma memória. Obrigado a todas e a todos os que continuam a defender diariamente os valores de Abril. Viva o povo que nunca se cala! Viva a Liberdade! Viva o 25 de Abril!"

Pilar Gomes (CDU) *"Exma. Senhora Presidente da Assembleia Municipal de Espinho, Exmas. Senhoras e Senhores Vogais da Assembleia Municipal de Espinho, Exma. Senhora Presidente da Câmara Municipal de Espinho, Exmos. Senhores Vereadores, Cidadãos e Cidadãs de Espinho, Exmos. senhores e senhoras. Há 51 anos, as armas foram empunhadas pelos militares deste país para acabar com a guerra que lhes foi imposta. Há 51 anos, os militares, dando corpo aos anseios populares e à longa e abnegada luta dos resistentes antifascistas, escancararam portas e janelas para o sol entrar na vida de todos nós. Foi a liberdade que se conquistou, foi a democracia que nasceu, foi a primeira pedra de um país novo. O passado não pode ser esquecido, não pode ser esbatido, tem de continuar a ser falado, contado às novas gerações, com as cores do sangue dos que foram assassinados, humilhados, torturados e exilados. Da fome, da educação só para alguns, da permissão e aceitação da violência contra a mulher. Porque a história está lá, mesmo que a tentem esconder, e é nela que temos de alicerçar o futuro que se avizinha. Passados estes anos, anos em que a minha geração viveu a construção de um país novo, que homenageou os nossos pais e avós pela sua resistência, que teve nas mãos a Liberdade, que nada é mais do que o direito a ser pessoa, o direito ao estado social, o direito a sonhar, não pode abrir as mãos e deixar que tudo se escape como a areia numa brincadeira de verão. Numa aula, onde se ouvia várias canções portuguesas dos tempos dos abraços fraternos, porque a cantiga é uma arma cheia de poesia, dizia um aluno de 14 anos, "esta letra é de agora, não é?" Paz, Pão, saúde, habitação, educação. Tanto que andámos, tanto que andámos. E estamos aqui? Há muito mais do que 51 anos que não desistimos, sim, porque somos um partido com mais de 100 anos (104) a lutar contra a opressão, contra a censura, contra a pobreza, contra a escravidão de um povo que trabalha sem receber para viver com dignidade. E sim, contra a guerra, sempre pela PAZ. E em tempos como os de hoje é urgente parar, olhar em redor e ver com olhos de ver. O dia é de celebrar, sim! De cravo na mão, de vestido e jaqueta apurados, de sorrisos e música, mas é também dia de continuar a lutar pelo dia de amanhã onde a realidade*

não é um post de redes sociais, onde a realidade não é tão musical como hoje. E que realidade temos nós... _a pobreza encontrada em cada esquina porque ou se paga a luz ou se come, enquanto os bolsos dos que minam as cidades de grandes superfícies se enchem de lucros exorbitantes. _São as ruas povoadas pela miséria humana, dos que nem uma casa conseguem pagar com salários e trabalho precário, enquanto outros se engordam com metros quadrados de dinheiro e deixam casas fechadas. _São os que sofrem a dor em filas à chuva e ao sol na esperança que haja um médico que lhes dê a mão, (bem, agora até vão ter de ir até Paramos!) enquanto ali mesmo ao lado a dor é mais requintada, já não são doentes, são clientes, que por entre sorrisos pagam a grupos económicos que se ramificam por tantos lados, desde que dê lucro à conta dos mais frágeis _É a falta de emprego digno, de horários de trabalho decentes, _É a falta de investimento nas escolas públicas (e que grande exemplo temos nós na cidade) Andamos tanto, lutamos tanto, cuidamos tanto dos ramos coloridos desta árvore chamada Liberdade, que não vamos deixar que a cortem, contem com isso. Contem sempre com a CDU, se a ajudamos a nascer, jamais a deixaremos morrer. Os que aqui estão, comunistas de comunistas de Abril, sempre estivemos, ao lado dos que trabalham, ao lado dos mais desfavorecidos, ao lado dos que precisam, fazendo uma muralha de aço contra todos os que querem destruir o Portugal Democrático, o Portugal Social, o Portugal da Paz. A resistência que tivemos para que Abril acontecesse, será a resistência que devem esperar de nós, da CDU e de todos os que nos abraçam nos ideais sobre melhores salários, melhores pensões, confiança e honestidade política. E o Trabalho, a Honestidade e a Competência – lema histórico da CDU – nunca foram tão necessários após o embaraço por que PSD e PS fizeram passar os Espinhenses. Estamos como sempre estivemos, disponíveis para todas as responsabilidades que os Portugueses e os Espinhenses nos quiserem dar. Todos sabem com o que podem contar na CDU! Não posso esquecer o dia de hoje para homenagear o meu Pai. Lutou contra a sua vontade durante 3 anos em Angola, e há 51 anos chorou pelo dia que todos esperavam. Para ele, que teve uma vida de trabalho, sempre contou com os valores de Abril, sempre contou com os ideais do Partido Comunista Português (a CDU) para , como dizia:” que nunca um filho meu, que nunca um neto, e netas meus tenham de pegar numa arma por guerra nenhuma”. Realço, neste momento de luto, para os católicos em particular, as palavras do Papa Francisco na sua última mensagem Urbi et Orbi, onde lança um apelo aos responsáveis políticos e convida ao desarmamento. Que se use os recursos disponíveis para ajudar os necessitados, combater a fome e promover iniciativas que favoreçam o



desenvolvimento. E cito, "Estas são as "armas" da Paz: aquelas que constroem o futuro, em vez de espalharem a morte!". Já na Jornada Mundial da Juventude, na recepção institucional promovida pelo Presidente da República, Francisco questionava a Europa, enquanto coração do Ocidente, sobre a rota a seguir. Por que não escolher vias inovadoras para acabar com a guerra e tantos conflitos existentes, que ensanguentam o mundo? Dando importância ao progresso que se conquistou com a tecnologia, o Papa diz ainda que esta aliada às armas cada vez mais sofisticadas não representam investimento no futuro, mas sim, e cito-o "empobrecimento do verdadeiro capital humano que é a educação, a saúde, o estado social". Francisco sabia, e sempre o disse, que só através do desenvolvimento da diplomacia da Paz se pode extinguir os conflitos existentes. e para acabar, nada melhor que uma poesia de Ary dos Santos, escrito a 26 de abril de 74 Portugal Ressuscitado Depois da fome, da guerra da prisão e da tortura vi abrir-se a minha terra como um cravo de ternura. Vi nas ruas da cidade o coração do meu povo gaivota da liberdade voando num Tejo novo. Agora o povo unido nunca mais será vencido nunca mais será vencido. Vi nas bocas vi nos olhos nos braços nas mãos acesas cravos vermelhos aos molhos rosas livres portuguesas. Vi as portas da prisão abertas de par em par vi passar a procissão do meu país a cantar. Agora o povo unido nunca mais será vencido nunca mais será vencido. Nunca mais nos curvaremos às armas da repressão somos a força que temos a pulsar no coração. Enquanto nos mantivermos todos juntos lado a lado somos a glória de sermos Portugal ressuscitado. Agora o povo unido nunca mais será vencido nunca mais será vencido. Viva o 25 de abril."

Nuno Almendra (PSD) *"Exma. Sra. Presidente da Assembleia Municipal de Espinho Dra. Joana Devesas, Exma. Sra. Presidente da Câmara Municipal de Espinho, Dra. M^a Manuel Cruz, Exmos. Senhores Vereadores, Exmos. Senhores Presidentes das Juntas de Freguesia, Exmos. Senhores Vogais da Assembleia Municipal de Espinho, Minhas Senhoras e meus Senhores. Ao dia de hoje, cumprimos o 2º de três dias de luto pela morte do Papa Francisco. A melhor forma de honrar o seu tributo será seguirmos no dia-a-dia o seu exemplo e as suas palavras. "A política é acima de tudo a arte do encontro. Certamente, este encontro é vivido acolhendo o outro e aceitando a sua diferença, num diálogo respeitoso. Essa arte do encontro começa com uma mudança de olhar sobre o outro, com um acolhimento e respeito de sua pessoa sem condições. Se essa mudança de coração não ocorrer, a política corre o risco de se transformar num confronto muitas vezes violento, a fim de fazer triunfar as próprias ideias, numa*

busca de interesses particulares e não do bem comum, contra o princípio de que a unidade prevalece sobre o conflito.” Papa Francisco, maio 2022. Hoje nesta casa da democracia local, reunimo-nos para celebrar os 51 anos do 25 de abril. No dia 25 de abril de 1974, o vermelho vivo dos cravos substituiu o vermelho do sangue que naquele dia podia ter sido derramado. Os cravos floriram nas armas e a esperança iluminou um novo futuro para Portugal. O futuro: - De um País onde o sol nascia para todos, mas o privilégio da sombra era só para alguns - De um País onde ao mesmo tempo que se dividia um pão para alimentar 2 ou 3, multiplicavam-se sementes da revolução por 4 ou 5 - De uma Nação onde as mulheres não podiam ser donas de si - De uma Nação de gente boa, apesar de ferida, detida e torturada - De um Portugal que almejava ser livre Uma data que marca um antes e um depois na história de Portugal, mas também na história das nossas terras, das nossas gentes, das nossas cidades. Espinho não ficou à margem dessa mudança. A mudança chegou às nossas ruas, às nossas escolas, às nossas associações, às nossas famílias. Trouxe-nos liberdade, mas também responsabilidade. Trouxe-nos democracia, mas também o dever de cuidar. Comemorar o 25 de abril em Espinho, é lembrar que só com liberdade se pode construir uma sociedade mais justa. É olhar para o que já conquistamos e para o que ainda falta fazer. Hoje mais que um justo elogio ao passado, que agradecemos e admiramos, importa renovar um compromisso com o futuro. A minha geração nasceu e cresceu em liberdade, em democracia. Somos filhos de uma nação que, tal como a semente, germinou na escuridão, para dar flor e fruto em liberdade. Não podemos olhar para abril, como um marco na história. Não podemos admitir que a melhor versão da nossa democracia tenha ficado no passado, cristalizada na Revolução dos Cravos. Abril é uma revolução continua e inacabada ... terá de ser sempre uma contínua revolução de mentalidades, de atitudes e de formas de estar e de saber estar na sociedade, no trabalho e na política. Somos uma terra de gente trabalhadora, solidária, ligada ao mar, à cultura e ao desporto. Somos uma terra que tem sabido crescer com valores de abril: igualdade, proximidade e inclusão. A voz do povo é a maior força da democracia. Por isso os políticos devem escutar o povo, para devolver ao povo a concretização das suas legítimas expectativas. Devemos recusar os extremistas que radicalizam a sociedade, dividindo-a em dois: os políticos e o povo. Os políticos estão ao serviço do povo. Os políticos são também eles o povo. A política é uma arte de solucionar os problemas das pessoas, promovendo a igualdade de oportunidades. A política não pode ser encarada como instrumento de posse do poder. A política não serve para alimentar egos. A política da fotografia, da



promessa irrealista, das festinhas não serve o interesse do povo. É preciso elevar o debate político, rejeitando soluções simplistas para desafios complexos. É preciso responsabilizar os titulares dos cargos públicos, combatendo o populismo, a demagogia e a desinformação. É preciso envolver a sociedade civil. É preciso que os jovens conheçam o passado para poderem decidir o futuro com consciência e liberdade. Vivemos tempos desafiantes, mas também de incerteza. Vivemos momentos que não são compatíveis com populismo, com incapacidade de concretização. A velocidade dos acontecimentos exige responsabilidade, exige conhecimento, exige dedicação, exige concretização. O desenvolvimento do nosso território não nos permite parar. Somos convocados permanentemente para novos desafios e novas metas que são necessárias serem alcançadas. Esta é hora de preparar e acautelar o futuro do nosso concelho, permitindo que os próximos anos sejam de progresso e modernidade. Os últimos 3 anos e meio foram de estagnação, mas acredito que abril nos dê a força e a inspiração para nos focarmos com muita determinação nesta nova realidade com confiança e esperança. Não podemos sobrepor o populismo e a demagogia àquilo que é importante para um território, àquilo que promove a igualdade das suas gentes. Os desafios são muitos, habitação, rede viária, escolas, saúde, emprego, lazer, equipamentos desportivos e culturais e ambiente. Não podemos desperdiçar oportunidades por manifesta incapacidade. Não podemos ignorar as necessidades das nossas gentes. O futuro da nossa democracia não é certo, mas a forma como o preparamos é a chave para a defender melhor: com mais progresso, solidariedade, mais respeito pelas pessoas e pela dignidade que a todos deveria ser consagrada, pelo planeta e os seus recursos. Por isso, nesta data, deixo uma palavra de gratidão a todos os que, ao longo destes 51 anos, contribuíram para o fortalecimento da nossa democracia, aqui em Espinho e em todo o País. E deixo também uma mensagem de esperança, que o espírito do 25 de abril continue a viver em cada decisão, em cada voto, em cada gesto de cidadania. Que continue a florescer, tal como os cravos, nos corações dos Espinhenses. Viva Espinho. Viva Portugal.”

Nuno Almeida (PS) *"Caras e caros Espinhenses. Estamos aqui hoje para celebrar os 51 anos da Revolução de Abril. E sublinho mesmo a palavra celebrar. Porque o 25 de Abril não é só uma data, é uma conquista que se afirma com convicção, com memória e com responsabilidade. Não é coisa para agradecer em silêncio ou assinalar de forma discreta. É para ser vivida com a força porque Naquele "dia inteiro e limpo", Portugal*

despertou "da noite e do silêncio", como escreveu Sophia de Mello Breyner, e começou a dar os primeiros passos rumo a uma Democracia plena e respeitadora dos mais elementares direitos do homem: a LIBERDADE. Este ano, houve quem entendesse que o melhor seria não celebrar. Invocou-se, com solenidade, o luto por um homem profundamente comprometido com os valores da igualdade, da justiça, da liberdade, da fraternidade, alguém que espiritualmente sempre esteve do lado certo da história. Mas talvez por isso mesmo, o mais coerente teria sido honrá-lo com liberdade viva, com democracia plena, com voz firme, e não com o silêncio que, convenhamos, caiu bem a quem, neste momento de instabilidade nacional, prefere que Abril passe discreto. Porque o silêncio, quando é conveniente, raramente é inocente. E Abril, sabemos bem, nunca foi feito para passar despercebido. Há 51 anos, batalhões de coragem e multidões de esperança escreveram, com cravos e convicções, uma nova página na história do nosso país. Fizeram-no sem rancor, sem revanchismo, mas com um profundo sentido de missão coletiva. A eles devemos a possibilidade de, hoje, falarmos livremente, pensarmos criticamente, escolhermos conscientemente. O 25 de Abril foi mais do que o fim de uma ditadura. Foi o início de um país novo. Um país que passou a escolher livremente os seus representantes. Que reconheceu direitos às mulheres, aos trabalhadores, às famílias, às crianças. Que garantiu saúde e educação como direitos, não como favores. Um país onde ser cidadão passou a significar participar, e não obedecer. Falo-vos hoje como Presidente de Junta, mas sobretudo como alguém que nasceu em democracia e em liberdade. Como parte de uma geração que não viveu a Revolução, mas que sente, todos os dias, os seus efeitos. Tive a felicidade de crescer num país onde se pode aprender, opinar, amar, criar. E isso não me afasta do valor de Abril, aproxima-me ainda mais dele. Porque sabemos que aquilo que tomamos por garantido foi, em tempos, uma conquista. Que os direitos foram construídos, defendidos, pagos por outros, e que têm de ser protegidos por nós. Minhas senhoras e meus senhores, Cinquenta e um anos depois do 25 de Abril, ainda há quem veja a liberdade com desconfiança. Ainda hoje, há quem veja a liberdade com desconfiança, como se a liberdade dos outros fosse uma ameaça à sua. Há quem, com ousadia ou ingenuidade, defenda que "a liberdade deve ser limitada", esquecendo que ela só tem sentido quando é partilhada. Repete-se a frase "a minha liberdade acaba onde começa a dos outros", mas quase sempre não se fala da própria liberdade, fala-se da dos outros: a de amar, de decidir, de ser. Como se a liberdade do outro fosse um privilégio incómodo, e não um direito essencial à dignidade humana. É aí que surgem os nossos modernos Velhos do Restelo, nostálgicos de uma ordem sem



justiça, de uma paz sem liberdade. A minha geração nasceu depois da revolução, mas não esquece. Porque sabe que a liberdade que hoje temos não foi um acaso. Foi uma conquista e continua a ser uma construção. Cinquenta e um anos depois, ouvimos dizer que "estamos pior", que "no tempo da outra senhora é que era bom". Mas pergunto: o que era bom há 51 anos? Era bom viver num país com mais de 30% de analfabetismo? Onde a mortalidade infantil era das mais altas da Europa? Onde a maioria não estudava, onde a pobreza era o destino silencioso de milhões, onde se prendia por pensar? Se torturava por escrever e cantar? Foi a democracia que infraestruturou o país. Que levou água, luz, estradas e transportes a territórios esquecidos. Que criou o Serviço Nacional de Saúde, que democratizou o ensino, que construiu um Estado Social capaz de apoiar, proteger e cuidar. Foi a democracia que permitiu a emergência do poder local como espaço de proximidade e de confiança. Que aproximou o Estado das pessoas e fez da política uma prática com rosto. Foi também com a democracia que muitos contribuíram, e aqui, sim, é justo reconhecer o papel do Partido Socialista na reconstrução do país: com reformas estruturais, com visão europeia, com investimento público e com justiça social. Não isento de erros, mas insubstituível na construção de Abril com substância e com alma. Espinho é um dos lugares onde Abril ganhou corpo. Aqui, a democracia fez-se real, em casas erguidas e barracas erradicadas em ruas pavimentadas, em escolas abertas, em cultura viva, em desporto para todos. Foi no poder local, com autarcas eleitos e com todas as suas limitações, que se tornou palpável o Estado social, que se garantiu dignidade, que se promoveu equidade. E porque a democracia também se constrói com memória e gratidão, permitam-me, por isso, deixar uma palavra de homenagem aos autarcas que construíram esse caminho. Em especial, aos autarcas socialistas, como Artur Bártolo, Rolando Sousa, José Mota, Napoleão Guerra, Abel Gonçalves, entre tantos outros, que, com visão, coragem e dedicação, deram corpo aos valores de Abril neste território. Com falhas, claro, mas com obra feita. E com uma ideia clara do que significa servir Perdoem-me, não o faço por arrogância moral ou soberceria, até porque esta não é, nem foi uma construção de um só partido. Todas as forças políticas foram essenciais neste processo, e eu reconheço. Porque a democracia é plural. E é dessa pluralidade, feita de consensos e divergências, de disputas e convergências, que se constrói um concelho mais justo, mais coeso, mais livre. Mas a democracia nunca está feita. É processo, é caminho. E esse caminho continua, com novos rostos, novos desafios, mas com os mesmos princípios. E continua, sobretudo, nas freguesias, onde os autarcas estão na linha da frente da resposta pública. Onde se

conhece o nome, o problema e a urgência. Onde se escuta antes de agir. Onde a política se faz com ética e com afeto. Os desafios são outros. E talvez mais subtis. Mas não menos perigosos. Vivemos tempos de desinformação, de cinismo político, de tentativas de desvalorização do serviço público. Quero deixar também o meu reconhecimento a todos os autarcas de freguesia, aqui nas pessoas dos meus colegas presidentes de Junta, pelo trabalho silencioso, diário, tantas vezes invisível, mas sempre essencial. Porque é aí, nesse quotidiano de proximidade, que a democracia se renova e ganha verdade. E há outras batalhas que, mesmo longe, também nos dizem respeito. Porque os perigos à liberdade nunca vêm só por um lado, vêm por muitos. E às vezes, vêm disfarçados. Caras e caros, Neste 25 de Abril, vale a pena lembrar que, no mesmo dia em que celebramos a Revolução dos Cravos, se assinala também o Dia Mundial da Malária. Pode parecer uma coincidência, mas há aqui uma poderosa metáfora. A malária é uma doença silenciosa, persistente, que mata devagar, e que se combate com ciência, cooperação internacional e consciência coletiva. (Eu confesso que li recentemente esta metáfora num artigo que falava precisamente sobre isto). Também o autoritarismo, o populismo e a manipulação da verdade se espalham como Uma espécie de "vírus político" que se espalha num ambiente virtual camuflados em views e likes, silenciosos no início, mas profundamente perigosos. Alimentam-se do medo, da desinformação e da desigualdade. E não se combatem com silêncio nem com neutralidade. Combatem-se com educação, com liberdade, com justiça social. Com uma escola que ensina a pensar, com uma política que serve, com uma sociedade que cuida. Com um território que valoriza a ciência, a cultura e o diálogo. E com uma justiça que se faz nos tribunais, não nos telejornais. Uma justiça que investiga, não que alimenta ciclos de opinião. E um jornalismo que informa, sem julgar por antecipação. Porque quando a justiça se confunde com espetáculo, os direitos tornam-se figurantes, e a democracia sai de cena. Caras e Caros Espinhenses, O 25 de Abril ensinou-nos que nenhuma liberdade está completa se não for vivida também nos lugares onde pertencemos. Espinho é fruto do mar e do caminho-de-ferro, da coragem de quem aliou o esforço ao sonho, e do engenho de quem soube dar forma à cidade com linhas retas e horizontes largos. Mas essa mesma cidade, que no passado soube ser exemplo de planeamento e coesão, precisa agora de reencontrar o seu rumo. Porque Espinho não pode continuar a viver da ilusão de ser uma cidade encantada ou de uma praça das maravilhas permanente, bela à superfície, inegável, mas cada vez mais desigual e frágil na sua base. O futuro exige mais do que imagem: exige projeto, compromisso e proximidade. E esse rumo só se encontra



quando percebemos que o concelho é mais do que o seu centro, e que todas as freguesias são parte da resposta e não apenas parte da fotografia. Durante anos, o pensamento centralista ignorou realidades que vivem fora do postal turístico. E foi muitas vezes a dedicação, o engenho e o sentido de missão das Juntas de Freguesia e dos seus autarcas que compensaram esse esquecimento com trabalho visível e impacto direto na vida das pessoas. Hoje, quando evocamos Abril, fazemos também um apelo à responsabilidade: a de não ficarmos presos à aparência das coisas, mas de ousarmos repensar o modelo de cidade que queremos para as próximas gerações. Espinho precisa de se abrir às suas margens, de dar lugar aos que aqui querem viver, crescer, envelhecer com dignidade. Porque a liberdade que celebramos é também a liberdade de construir um território onde cada pessoa conta, onde cada freguesia importa, e onde vale a pena ficar. É também por isso que não podemos olhar para intervenções estruturais, como a nova linha ferroviária, apenas como obras no papel. Se mal pensadas, podem dividir mais do que unir, cortar mais do que ligar. Precisamos de garantir que servem o território e as suas pessoas e que o desenvolvimento não passa por cima de ninguém. Espinho precisa de olhar para o mar não como decoração, mas como horizonte. O mar que sempre nos definiu, como destino, como economia, subsistência, como identidade. É um mar que nos liga ao mundo, que nos oferece oportunidades na economia azul, no turismo responsável, na educação ambiental, no estudo científico na inovação ligada ao território. Seria um erro histórico virar-lhe as costas. E uma oportunidade perdida não o integrar numa estratégia sustentável e ambiciosa para o futuro de Espinho. Vivemos num tempo que nos convoca. A transição ecológica, os desafios digitais, as desigualdades persistentes, tudo isto exige respostas novas. Portugal tem um potencial imenso. E Espinho também. Temos talento, temos mar, temos localização, temos cultura, temos desporto. Mas, sobretudo, temos gente. Gente trabalhadora, resiliente, com orgulho no que constrói e com vontade de continuar a pertencer. Gente que não desiste à primeira dificuldade, que sabe o valor do esforço coletivo e que nunca perdeu o sentido de comunidade. Termina com a convicção de que Abril é muito mais do que um momento da nossa história. É uma exigência diária. É o compromisso de fazermos diferente, e de fazermos melhor. Celebrar Abril é honrar os que o conquistaram, mas também os que nele continuam a acreditar. É promover uma democracia viva, próxima, exigente, que responda com verdade aos desafios do nosso tempo. Portugal não está condenado à estagnação nem ao desencanto. Somos um povo com memória, com talento e com uma enorme capacidade de superação. Temos o dever de cuidar da

liberdade que nos foi entregue, e de a tornar cada vez mais plena: no território, na justiça, na educação, na igualdade de oportunidades. Acreditar em Abril é acreditar que ainda há muito por fazer. E ter a coragem de começar. Porque o futuro não espera. O futuro constrói-se. O futuro, é já. E Só com TODOS TODOS TODOS – Juntos Fazemos Espinho e um Portugal Melhor. 25 de Abril Sempre! Viva a Democracia! Viva Espinho! Viva Portugal.”

Joana Devezas (Presidente da Assembleia Municipal) *"Exma. Senhora Presidente da Câmara Municipal de Espinho, Exma. Senhora Vice-Presidente, Exmas. Senhoras e Exmos. Senhores Vereadores, Exmos. Senhores Presidentes de Junta de Freguesia, Exmas. Senhoras e Exmos. Senhores Deputados Municipais, Representantes das forças de segurança, da proteção civil, das instituições e das coletividades, Trabalhadoras e Trabalhadores do Município, Senhoras e Senhores Jornalistas, Caras e caros Espinhenses, É com profundo respeito e sentido de missão que me dirijo a todos nesta Sessão Solene comemorativa do 25 de Abril. A vossa presença honra a memória dos que lutaram pela democracia e enriquece este momento de celebração coletiva dos valores fundadores da nossa liberdade. Comemoramos hoje os 51 anos da Revolução de Abril. Uma data que não pertence apenas à história — pertence à nossa identidade coletiva. Abril não é apenas memória, é presente e, sobretudo, é futuro. Um futuro que se constrói todos os dias com responsabilidade cívica, justiça social e proximidade às pessoas. Este mandato autárquico tem sido particularmente exigente. As circunstâncias que envolveram o seu início colocaram-nos perante um verdadeiro teste à resiliência das instituições e à maturidade democrática do nosso concelho. Assumi a presidência da Assembleia Municipal num contexto de enorme instabilidade, com a missão clara de garantir imparcialidade, respeito institucional e a defesa intransigente dos valores democráticos. Fizemo-lo com firmeza, mas também com humildade e sentido de dever. Neste percurso, não posso deixar de reconhecer o papel dos meus colegas membros da Assembleia Municipal. Pese embora os constrangimentos inimagináveis com que nos deparámos, prevaleceu, o compromisso com o bem comum. E mesmo que as divergências tenham, por vezes, originado debates intensos, acredito que todos partilharam o mesmo objetivo: um futuro melhor para Espinho e para os Espinhenses. É com uma Assembleia atenta, atuante e fiscalizadora que se concretiza Abril. Quando se debatem prioridades com base na justiça, quando se garantem decisões fundadas no interesse público e na transparência, estamos a honrar o*



mandato que nos foi confiado. Esse mandato não deve ser alvo de retaliações ou pressões, apenas por exprimir ideias diferentes. Porque a diferença é parte da riqueza democrática que celebramos. Comemorar Abril num órgão autárquico tem um simbolismo ímpar. O Poder Local é uma das mais notáveis conquistas da Revolução — e continua a ser o espaço onde a democracia se concretiza com maior proximidade. É nas juntas, nas câmaras e nas assembleias que as aspirações das comunidades ganham voz e forma. Este ano, a democracia volta a convocar-nos: teremos eleições legislativas e autárquicas. É o momento de reforçar a importância do voto como pilar da nossa vida democrática. Abril devolveu-nos esse direito — e cabe-nos agora exercê-lo com consciência. Incutir um espírito participativo é um dos maiores desafios da atualidade. As nossas comunidades serão tanto mais fortes quanto mais legítimos forem os seus representantes. Para isso, é essencial que promovamos um debate público esclarecido, rigoroso e elevado. Todos — eleitos, candidatos e cidadãos — temos a responsabilidade de garantir uma campanha centrada nas verdadeiras necessidades do território, livre de guerrilhas pessoais ou partidárias. É também nesse sentido que devemos continuar a investir na formação cívica das novas gerações. E foi com particular emoção que assistimos ontem, aqui nesta sala, à instalação da primeira Assembleia Municipal Jovem de Espinho. Termos a possibilidade de ver os nossos jovens debaterem propostas e exercerem a cidadania com naturalidade é sinal de uma democracia viva. É esse o maior legado que podemos construir: uma democracia inclusiva, dialogante e partilhada. Nesta trajetória democrática, é fundamental sublinhar ainda o papel transformador das mulheres na vida pública. Há pouco mais de cinco décadas, estavam afastadas das decisões. Hoje, lideram com competência e visão. Enquanto Presidente da Assembleia Municipal, assumo esse legado com orgulho, mas também com responsabilidade. A igualdade de género é uma conquista de Abril — e não admitiremos retrocessos. Permitam-me, ainda, prestar, por fim, homenagem a uma figura de dimensão global, recentemente desaparecida: o Papa Francisco. Um homem que soube dignificar a política como serviço, que falou aos corações e que desafiou líderes e cidadãos a colocar a dignidade humana no centro das decisões. Francisco recordou-nos que a política deve ser feita com empatia, com verdade e com um compromisso inabalável com os mais vulneráveis. Honremos esse legado, com práticas políticas que sirvam, e não se sirvam. Caras e caros Espinhenses, Abril não se repete — cumpre-se. Cumpre-se com planeamento estratégico, com investimento no território, com políticas públicas que respondam aos desafios reais da população. Cumpre-se com justiça social, com sustentabilidade

ambiental e com governação transparente. Espinho quer continuar a ser exemplo de cidadania ativa, de responsabilidade democrática e de visão partilhada. Que saibamos cuidar do que nos une, valorizar o que construímos e projetar, juntos, um futuro digno da nossa história. Viva o 25 de Abril! Viva a Liberdade! Viva Espinho! Viva Portugal!”

Terminadas as intervenções, fez-se ouvir o Hino Nacional e Grândola, Vila Morena após o que a Presidente da Assembleia Municipal deu por encerrada a sessão.

Para constar e devidos efeitos, lavrou-se a presente ata que vai ser assinada pela Presidente da Assembleia Municipal e por mim, Isaura Maria Gomes Pinto da Rocha Gonçalves, funcionária municipal da Divisão Jurídica e de Apoio à Administração, designada para o efeito, que a elaborou nos termos legais.

A Presidente da Assembleia Municipal

A Funcionária Municipal,
